

Fôlha da Semana

VOLKS
ALEMÃO
SAI PELO
PREÇO DO
NACIONAL

Páginas 12 e 13

N.º 66 — Diretor: ANDERSON CAMPOS — Rio, 8 e 14 de dezembro de 1966 — Cr\$ 300

“Carta” de Castelo só não acaba a Lei Áurea

Páginas 7 e 10 e Editorial na pág. 2



A vida de Chico Buarque e suas letras estão nas páginas 8 e 9

MEC entrega a Universidade

AMANHÃ, NINGUEM SABE

Hoje, eu quero
Fazer o meu carnaval
Se o tempo passar, espero
Que ninguém me leve a mal
Mas se o samba quer que eu prossiga
Eu não contrário não
Com samba eu não compro briga
Do samba eu não abro mão
Amanhã, ninguém sabe
Traga-me um violão
Antes que o amor acabe
Traga-me um violão
Traga-me um violão
Antes que o amor acabe
Hoje, nada
Me cala este violão
Eu faço uma batucada
Eu faço uma evolução
Quero ver a fricção de parte
Quero ver o samba fervor
No corpo da porta-estandarte
Que o meu violão vai trazer
Amanhã, ninguém sabe
Traga-me uma morena
Antes que o amor acabe
Traga-me uma morena
Traga-me uma morena
Antes que o amor acabe
Hoje, nada
Seria entrar no vão
Eu já tenho uma morena
Eu já tenho um violão
Se o violão insistir, na certa
A morena ainda vai dançar
A roda fica aberta
E a banda eu peço
Amanhã, ninguém sabe
No neto de um cantor
Mas um canto sempre cabe
Eu ouço cantar o amor
Eu ouço cantar o amor
Antes que o amor acabe

JUCA

Juca foi surtado em flagrante
Como meliante
Pois sambava bem diante
Da janela de Maria
Sem no meio da alegria
A noite virou dia
O seu luar de prata
Virou chuva fria
A sua ranata
Não acordou Maria
Juca ficou desapontado
Declarou no delegado
Não saber se amor é crime
Ou se samba é pecado
Em legítima defesa
Batucou assim na mesa
O delegado é bamba
Na delegacia
Mas nunca fez samba
Nunca viu Maria

MADALENA FOI PRO MAR

Madalena foi pro mar
E eu fiquei a ver navios
Madalena foi pro mar
E eu fiquei a ver navios
Quem com ela se encontrar
Diga lá no alto mar
Que é preciso voltar já
Pra cuidar dos nossos filhos
Que é preciso voltar já
Pra cuidar dos nossos filhos
Pra zombar dos olhos meus
No alto mar a vela acena
Tanto jeito tem de adeus
Tanto adeus de Madalena
Madalena foi pro mar
E eu fiquei a ver navios
Madalena foi pro mar
E eu fiquei a ver navios
Quem com ela se encontrar
Diga lá no alto mar
Que é preciso voltar já
Pra cuidar dos nossos filhos
Que é preciso voltar já
Pra cuidar dos nossos filhos
Que é preciso não chorar
Maldizer não vale a pena
Jesus manda perdoar
A mulher que é Madalena
Madalena foi pro mar
E eu fiquei a ver navios
Madalena foi pro mar
E eu fiquei a ver navios

MEU REFRÃO

Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão
Meu melhor amigo
É meu violão
Já chorei sentido
E não choro não
Já brinquei de bola
Já soltei balão
Mas tive que fugir da escola
Pra aprender essa lição
Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão
Meu melhor amigo
É meu violão
Tem samba de sobra
Quem sabe sambar
Que entre na roda
Que mostre o gingado
Mas muito cuidado

♦ A FOLHA DA SEMANA publica a seguir o depoimento que Chico Buarque de Holanda gravou no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, dentro da série promovida pela Instituição para legar à posteridade um documento ao vivo, na voz dos próprios compositores e cantores, sobre a música popular brasileira, a partir de suas origens.

♦ Chico Buarque foi o primeiro jovem compositor a ser convidado pelo Museu da Imagem e do Som, o que prova a importância que esse garoto de 22 anos já conquistou na música popular brasileira. Como os velhos compositores que o precederam, Chico entremeou a história de sua vida e de suas obras com a interpretação de suas músicas, inclusive aquelas que não foram gravadas, como Anjinho de Papel, referido no texto.

♦ Durante o depoimento, Chico Buarque respondeu a perguntas de alguns cronistas de música popular, as quais foram omitidas pela FOLHA DA SEMANA quando dispensáveis para a fixação de seus dados biográficos e para compreensão das circunstâncias em que foram feitas algumas de suas peças. Por isso o depoimento vale todo na primeira página. Ao final, porém, foi necessário fazer alusão a algumas das perguntas, pela integração que havia entre elas e as respostas do compositor.

♦ A íntegra do depoimento de Chico — divulgado apenas parcialmente pela imprensa diária — é publicada pela FOLHA DA SEMANA graças à gentileza do Museu da Imagem e do Som, que em seus poucos anos de existência já prestou contribuição de notável importância à nossa música popular e à cultura em geral.

CARIOCA A PAULISTA

— Nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944, mas pouco depois, já estava em São Paulo com minha família e tudo. Meu pai se chama Sérgio Buarque de Holanda e, minha mãe, Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda. Na capital paulista, aos cinco ou seis anos, frequentei o jardim-da-infância do Externato Nossa Senhora de Lourdes, onde também fiz parte do curso primário. Quando eu estava no 3.º ano primário, em 1952, minha família foi viver em Roma, onde moramos cerca de dois anos, e ali concluí o curso, fazendo o 3.º e 4.º anos no Mary Month School, colégio de freiras, passando, em seguida, para o Notre Dame International School, educandário de padres canadenses.

— De volta a São Paulo, cursei o ginásio no Colégio Santa Cruz, de padres canadenses, mas antes fiz o admissão no Externato Nossa Senhora de Lourdes. Para concluir o ginásio, fui para o Colégio de Cataguases, onde fiz o 4.º ano. Findo o curso ginásial, eis-me de novo em São Paulo, onde fiz o curso científico, no Colégio Santa Cruz. Em 1964, já estava na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo, mas só fui até quase a metade do 3.º ano, pois pretendo trancar matrícula.

PRIMEIRAS INFLUÊNCIAS

— Minhas primeiras influências musicais, além das cantigas de roda e marchinhas de São João, foram Ataulfo Alves e

Pra ninguém torcer
Delza de feitiço
Que eu não mudo não
Pois eu sou sem compromisso
Sem relógio e sem patrão
Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão
Meu melhor amigo
É meu violão
Eu nasci sem sorte
Moro num barraco
Mas meu santo é forte
O samba é meu fracço
No meu samba eu digo
O que é de coração
Mas quem cantar comigo
Canta o meu refrão
Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão
Meu melhor amigo
É meu violão

OLÉ OLÁ

Não chor, ainda não
Que eu tenho um violão
E nós vamos cantar
Felicidade aqui
Pode passar o ouvir
E se ela for de samba
Há de querer ficar
Seu padre, toca o sino
Que é pra todo mundo saber
Qu' a noite é criança
Que o samba é menino
Que a dor é tão velha
Que pode morrer
Olé olé olé olé
Tem samba de sobra
Quem sabe sambar
Que entre na roda
Que mostre o gingado
Mas muito cuidado

Chico Buarque por êle mesmo



PEDRO PEDREIRO

Pedro Pedreiro, pensieiro, esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro Pedreiro fica assim pensando
Assim pensando o tempo passa
A gente vai ficando pra trás
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando o aumento
Desde o ano passado para o mês que vem
Pedro Pedreiro, pensieiro, esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro Pedreiro espera o carnaval
E a sorte grande no bilhete pela federal
Todo mês
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando o aumento para o mês que vem
Esperando a festa
Esperando a sorte
E a mulher de Pedro
Está esperando um filho
Pra esperar também
Pedro Pedreiro, Pensieiro, esperando o trem
Manhã, parece, carece de esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro Pedreiro está esperando a morte
Ou esperando o dia de voltar pro Norte
Pedro não sabe mas talvez no fundo
Espera alguma coisa mais linda que o mundo
Maior do que o mar
Mas pra que sonhar
Se dá o desespere de esperar demais
Pedro Pedreiro quer voltar atrás

Noel Rosa, principalmente este, de quem meus pais gostavam muito. Lembro-me muito bem destes versos: "São Paulo dá café/ Minas dá leite/ E a Vila Isabel dá samba", que eu mesmo cantava por volta dos meus oito anos, quando já fazia minhas musquinhas, especialmente marchinhas de Carnaval, tudo a título de brincadeira.

— A essa altura de minha vida, minha irmã, Luísa Maria, hoje casada com João Gilberto, já tocava um pouco de violão, trazendo para junto de mim um pouco de música. Quando surgiu a Bossa Nova, por volta de 1958, comecei a interessar-me por música, e foi nessa ocasião que fiz minha primeira composição fora do ambiente familiar e da roda que frequentava. Um amigo meu chamado Olivier e eu fizemos músicas mais ou menos à Ataulfo, mas sem violão, usando apenas o ritmo, batucando apenas. Meu amigo Olivier é paulista, e hoje é baterista.

— Quando morava em Roma, Vinícius de Moraes, que trabalhava em nossa representação diplomática, frequentava nossa casa, e foi ele, mais tarde, já no Rio de Janeiro, quem me aproximou de seu parceiro Baden Powell. As composições de Vinícius, a esta altura parceiro de Antônio Carlos Jobim, ficaram-me na cabeça até 1958, quando surgiu, já em gravações, o movimento da Bossa Nova.

ENCONTRO COM VINÍCIUS

— Antes disso, já vinha sofrendo influência de minha irmã, que era ligada a grupos profissionais. Hoje, ela abandonou tudo ou quase tudo, mas chegou a deixar alguma música gravada. Por volta de 61/62, visitei Vinícius de Moraes na Casa de Saúde São Vicente, na Gávea, aonde fui levado por meu tio, que insistiu muito para que eu cantasse para o poeta. Mas eu sou meio tímido para essas coisas. Diante da insistência de meu tio e do próprio Vinícius, decidi cantar duas músicas minhas. Vinícius gostou e me incentivou, mas depois veio o Baden de São Paulo e esqueceram minhas músicas. O samba que cantaram da dupla Vinícius e Baden foi o Pra Que Chorar, que é mais ou menos daquele ano.

— Não tenho propriamente parceiros, pois apenas musiquel os versos de João Cabral de Melo Neto, do poema Morte e Vida Severina. Tenho um samba de parceria com o violonista Toquinho, que a Elisete vai gravar. Essa música foi inscrita no Festival da Recorde de São Paulo, mas depois foi excluída.

AUTOCRÍTICA

— Foi em São Paulo que comecei a tocar violão, ouvindo a batida do violão de meu futuro cunhado João Gilberto. Era a batida típica da Bossa Nova, que me in-

fluenciou grandemente. Aprendi tudo errado, e por isso ainda hoje não toco bem violão. Compus minha primeira música aos 15 anos, cantando, acompanhando-me e compondo à João Gilberto. Essa recordação não me agrada muito. Quando saí o Barquinho, de Menescal e Bóscoli, ainda era um entusiasta da Bossa Nova. Mais tarde, voltei às recordações de minha infância, como fonte de inspiração (isso aos 15 anos), compondo então o samba Canção dos Olhos.

— Aos 16/17 anos, já tocava em shows de colégios, cantando minhas próprias composições. A música característica desse período bossa-nova de minha carreira é Anjinho de Papel. Foi esse Anjinho de Papel e outra (N. da R.: Chico não lembra o nome) que mostrei a Vinícius de Moraes, no Rio, em 1961/1962.

— As influências da Bossa Nova acabaram não me lembro bem em que ano, quando fiz uma marchinha, que considero minha primeira composição não bossa-novista. Essa marchinha (N. da R.: Chico não lembra o nome) foi gravada quando eu já não acreditava nela, pois já não tinha nenhum sentido.

A NOVA FASE

— Há dois anos, comecei minha nova fase de compositor, quando fiz Sonho de Carnaval, e além dessa mais duas ou três, todas já isentas das influências bossa-novistas, uma das quais é Marcha de um Dia de Sol. Aquela época, ninguém queria gravar músicas daquele tipo. Quando veio a "revolução" a coisa piorou, pois achavam que tais marchinhas eram comunistas. Mas mesmo assim, Maricene Costa gravou Marcha de um Dia de Sol, sua primeira gravação. Mas aí eu já não gostava da Marcha de um Dia de Sol, que é mais ou menos antiga, ainda da fase da Bossa Nova. Quando foi gravada Marcha de um Dia de Sol ainda não tinha sido gravada Sonho de Carnaval, esta ainda um meio-térmo entre minhas duas fases: Bossa Nova e a atual. E foi com Pedro Pedreiro que me senti mais integrado na minha atual fase. Considero Pedro Pedreiro o verdadeiro marco de minha nova fase.

— Minha infância foi como de qualquer outro garoto: jogava peladas nas ruas de São Paulo, ia ao circo, era enfim moleque de rua. Não sei qual o pedreiro que me inspirou no Pedro Pedreiro, pois o samba saiu de um só jato, de repente. Já Olé Olá teve inspiração mais ou menos inconsciente, não sei por quê. Considero Olé Olá a filha de Pedro Pedreiro mais ou menos em sentido diferente. Fiquei três meses com Olé Olá engavetada, sem saber se a composição era boa ou não. Geralmente, faço primeiro a música, ou então música e letra a um só tempo.

Tem mais samba o perdão que a despedida
Tem mais samba nas mãos do que nos olhos
Tem mais samba no chão do que na lua
Tem mais samba no homem que trabalha
Tem mais samba no som que vem da rua
Tem mais samba no peito de quem chora
Tem mais samba no pranto de quem vê
Que o bom samba não tem lugar nem hora
O coração de fora
Samba sem querer
Tem, que passa
Tem sofrer
Se todo mundo sambasse
Seria tão fácil viver

RITA

A Rita levou meu sorriso
No sorriso dela
Meu assunto
Levou junto com ela
E o que me é de direito
Arrancou-me do peito
E tem mais! Levou seu retrato, seu trapo, seu prato
Que papel!
Uma imagem de São Francisco
E um bom disco de Noel
A Rita matou nosso amor
De vingança
Nem herança deixou
Não levou um tostão
Porque não tinha não
Mas causou perdas e danos
Levou os meus planos
Meus pobres enganos
Os meus vinte anos
O meu coração
E além de tudo
Me deixou tudo
Um violão
VOCE NÃO OUVIU
Você não ouviu
O samba que eu lhe trouxe

— A marcha Tamandaré é mais ou menos de setembro/outubro de 65. Minha primeira experiência apenas como músico foi musicar os versos de Morte e Vida Severina, de JCMN, o que se deu em princípios de 65, quando Roberto Freire me convidou para musicar o poema. Fiz música também para a peça infantil O Patinho Feito, mas antes já tinha composto a música de Os Inimigos, de Górkí, para o Teatro Oficina, de São Paulo. Fiz também música para um filme de Dionísio Azevedo. Agora tenho, também, de minha autoria, a música da peça Pedro Pedreiro, da Renata Palotín.

RADEEN FOI O MARCO

♦ Nesse ponto, um dos entrevistadores indagava a Chico se A Banda foi uma explosão. Com simplicidade, ele responde:

— Foi apenas um estampido.

♦ A explosão parece ter sido a música de Morte e Vida Severina, que Chico Buarque define como a peça de mais elaboração que já fez, embora o sucesso comercial tenha começado com Pedro Pedreiro e Olé Olá. Chico deixa transparecer que Sonho de Carnaval é a sua menina dos olhos. Isso fica evidente em certo desencanto que manifesta ao voltar a se referir ao encontro que teve com Vinícius, no Rio, quando mostrou Sonho de Carnaval ao poeta. Mas ele acrescenta um fato que parece ter sido o marco de seu prestígio e popularidade:

— Aí o Baden começou a falar em Sonho de Carnaval e todo mundo começou a apoiá-lo.

AS RAIZES DA "BANDA"

♦ Chico conta que depois de Juca, na linha de sambas leves, fez Rita. E explica: — Depois da viagem que fiz à Europa com o TUCA, de abril a junho passado, parei um pouco. Parece que a gente já disse tudo o que tinha de dizer, o que é uma besteira, um perigo!

♦ Quanto à Banda, Chico revela que foi buscar inspiração em sua infância, na Rua Haddock Lóbo, em São Paulo. "Aí havia um terreno baldio onde se instalava um circo; a bandinha passava, tocando. Também em Cataguases, ele ouviu a banda tocar. Quando estudava em Roma, foi a Londres e viu a troca da guarda do Palácio de Buckingham, feita ao som de uma banda. Ele prosseguiu:

— A banda é alegre para todo mundo. Fiz A Banda na hora do almoço, em julho deste ano, em São Paulo. A inspiração veio de repente e nem me lembro se almocei ou não nesse dia.

♦ Revela Chico que o problema mais difícil foi fazer o fecho da composição. Mas ele soube encontrar a solução:

— Aí, eu mandei a banda embora.

Ai, eu lhe trouxe rosas
Ai, eu lhe trouxe um doce
As rosas vão murchando
E o que era doce acabou-se
Você não ouviu
O samba que eu lhe trouxe
Ai, eu lhe trouxe rosas
Ai, eu lhe trouxe um doce
As rosas vão murchando
E o que era doce acabou-se
Você me desconcerta
Pensa que está certa
Porém não se iluda
No fim do mês, quando o dinheiro aperta
Você corre esperta
E vem pedir ajuda
Eu lhe procurei, mas você se esconde
Não me diz aonde
E nem quer ver seu filho
No fim do mês é que você responde
E no primeiro bonde
Vem pedir auxílio
Você não ouviu
O samba que eu lhe trouxe
Ai, eu lhe trouxe rosas
Ai, eu lhe trouxe um doce
As rosas vão murchando
E o que era doce acabou-se
Você diz que a minha rosa é frágil
Que o meu samba é plágio
E é só lugar-comum
No fim do mês que você vem ágil
Passa um curto estágio
E eu fico sem nenhum
A sua dança vai durar enquanto
Você tem encanto
E não tem solidão
No fim da festa há de escutar meu canto
E vir correndo em pranto
Me pedir perdão (ou não?)
Você não ouviu
O samba que eu lhe trouxe
Ai, eu lhe trouxe rosas
Ai, eu lhe trouxe um doce
As rosas vão murchando
E o que era doce acabou-se